

**AS IMAGENS DA ÁFRICA NO CONTEXTO ESCOLAR: DO IMAGINÁRIO  
ESTUDANTIL AOS LIVROS DIDÁTICOS.**

Emanuela de Moraes Silva  
Mestre em Ensino de História - UFT  
Manumorais2006@yahoo.com.br

Este trabalho é resultado da pesquisa de dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Tocantins, por meio do programa de Mestrado Profissional em Ensino de História- ProfHistória, defendida no ano de 2016.

Para sua construção foi utilizada o método de pesquisa-ação onde os estudantes do ensino fundamental e médio, com orientação da pesquisadora, elaboraram quadros expositivos com palavras-chaves que representavam o continente africano. Já os livros didáticos, foram analisados pela pesquisadora a partir as imagens que faziam referencia a África. Constatou-se que muitas das palavras-chaves escritas pelos alunos, estavam representadas em imagens nos materiais didáticos, demonstrando a influencia que os livros na formação do imaginário estudantil sobre a temática.

Neste sentido, aponta-se a pertinência das análises de imagens e textos dos materiais didáticos, no tocante as temáticas que, geralmente, tendem a reproduzir preconceitos geográficos de lugar, históricos e raciais.

Esta metodologia de mapeamento de imagens sobre África deriva de pesquisas realizadas pelo professor e pesquisador Anderson Oliva (2007) que trabalhou as imagens que os alunos do Recôncavo Baiano tinham sobre África e que também foi utilizada pelo professor Dernival Venâncio Ramos da Universidade Federal do Tocantins, no Curso de Formação de Professores no ano de 2010. O trabalho de levantamento de palavras foi realizado durante as aulas de História ministradas para alunos do ensino médio do Colégio de Ensino Profissionalizante Gercílio de Castro Macedo e Edith de Nobre (Zona Urbana) e na Escola José Caetano dos Santos, localizada no Território Quilombola Lagoas, ambas localizadas no município de São Raimundo Nonato, Piauí no ano de 2016. A pesquisa consistiu em requerer que os alunos escrevessem palavras-chaves que representassem o continente africano, de forma aleatória e espontânea. Os resultados foram tabulados em quadros de palavras-referencia que os alunos das respectivas escolas e de diferentes localidades (urbana e rural) tinham sobre a África.

Ao mesmo tempo, foram analisadas as imagens contidas nos manuais didáticos de história utilizados por esses alunos, nos atentando aos temas que abordavam a África, os africanos e os afro-brasileiros. Entendemos que esta metodologia e os resultados desta pesquisa podem contribuir como ponto de partida para a introdução aos estudos sobre África no ensino fundamental e médio, assim como, o trato das imagens nos livros didáticos, junto aos alunos, que muitas vezes servem como única referência para a construção do saber/ conhecer a África.

“As crianças têm necessidade de ver as cenas históricas para compreender a história. É por esta razão que os livros de História que vos apresento estão repletos de imagens. Desejamos forçar os alunos a fixarem as imagens. Sem diminuir o número de gravuras que existiam no texto, compusemos novas series delas correspondendo a uma série para cada livro. Cada série é acompanhada de questões que os alunos responderão por escrito, após terem olhado o desenho e feito uma pequena reflexão sobre ele. É o que denominamos de revisão pelas imagens e acreditamos que este trabalho possa desenvolver a inteligência das crianças ao mesmo tempo que sua memória.” (LAVISSE 1887, *apud* BITTENCOURT, 2013, p. 75.)

Poderíamos localizar esta citação em qualquer livro didático atual de história, mas estamos falando de um trecho de um livro didático de história francês do ano de 1887. Percebemos a atual preocupação dos autores de livros didáticos quanto às imagens que irão compor livro, tendo conhecimento também de que há uma equipe por trás da construção deste material, inclusive para a seleção das imagens,

“A questão da ilustração dos livros está relacionada, assim, aos aspectos mercadológicos e técnicos que demonstram os limites do autor do texto quando observamos os livros também como objeto fabricado. A diagramação e a paginação do livro são estabelecidas por um profissional especializado e, dessa forma, os caracteres, a dimensão, as cores das ilustrações enfim são decisões de técnicos, de programadores visuais, na composição final do livro. A história do livro didático possibilita verificar como os autores foram perdendo o poder sobre as ilustrações de suas obras. Hoje existem especialistas em pesquisas iconográficas contratados pelas editoras para desenvolverem esta parte específica do livro.” (BITTENCOURT, 2013, p.77).

O livro didático, como já dito anteriormente, é utilizado de maneiras diferentes entre alunos e professores. Professores os utilizam como ferramenta de apoio para a elaboração e planejamento de suas aulas, como guia para o planejamento das aulas no decorrer do ano letivo. Os alunos e alunas, o utilizam frequentemente como única, ferramenta de pesquisas, de fonte de leituras, revisão dos conteúdos escolares.

Partindo desta perspectiva, os textos e imagem contidos nestes materiais, como fonte única de pesquisa e leitura para os alunos, acabam por criar certo imaginário, a cerca de determinados assuntos que podem perpetuar determinados preconceitos como, por exemplo, temas como África e africano, em seus países ou em descolamentos forçados.

Realizamos esta atividade de mapeamentos de imagens sobre África, com alunos do ensino médio de duas escolas públicas da cidade de São Raimundo Nonato, Piauí, uma escola estadual o Centro de Educação Profissional Gercílio de Castro Macedo e uma escola municipal de ensino fundamental, a Unidade Escolar Edith Nobre de Castro, esta pesquisa foi realiza entre os meses de abril e maio de 2016.

Contabilizamos nesta pesquisa 87 alunos e alunas do ensino médio regular, período noturno e 103 alunos e alunas no ensino médio técnico integrado, período vespertino. Ao todo 190 alunos de ensino médio da rede estadual (zona urbana) de ensino do Piauí, participaram desta pesquisa.

Esta mesma atividade, também foi realizada com alunos do ensino fundamental (6º ao 9º) da Escola José Caetano dos Santos, como já dito anteriormente, localizada na zona rural de São Raimundo Nonato, na comunidade São Vítor, que por sua vez está localizada do Território Quilombola Lagoas. Ao todo nesta escola 91 alunos e alunas do ensino fundamental, da rede municipal de ensino, participaram da pesquisa.

Foi solicitado aos alunos escreverem entre 5 e 10 palavras que os lembrassem da África e/ou africanos, de forma aleatória e espontânea, “o que viesse a cabeça” a quantidade de palavras recebidas variaram porem o mínimo de alunos entregaram as 10 palavras solicitadas.

As imagens foram organizadas, assim como o trabalho dos professores acima citados em grupos: Natureza/Geografia, Cultura/educação, Negros/questão racial, História/ Colonização, Guerra/fome/miséria/ doenças, escravidão, religião.

Segue abaixo a tabela com as palavras que foram coletadas em relação à África e africanos nas escolas da zona urbana:

GRUPO	OCORRÊNCIA
Natureza/Geografia	101
Cultura/Educação	32
Escravidão	13

Negros/Questão racial	27
Religião	5
Guerra/Fome/Miséria/Doenças	93
História/Colonização	13

Tabela 1. Fonte: atividade realizada com alunos do ensino médio de escolas públicas de zona urbana de São Raimundo Nonato, Piauí, em abril e maio de 2016.

As Imagens recorrentes no imaginário dos alunos do ensino médio, da zona urbana em relação a África e aos africanos contabilizaram 291 palavras. Os grupos que mais se destacaram foram: Natureza/ Geografia, palavras como safári, animais, arvores, savanas, rio. Guerra/ fome/ miséria/ doenças: Ebola, zika, aids, pobres. Cultura/educação: conhecimento, modos de viver, danças, comidas, línguas diferentes. Negros/ questão racial: feios, diferentes, racismo. Escravidão: senzala, escravos, escravos negros. História/Colonização: Reinos, impérios, tribos, pirâmides, berço da humanidade. Religião: Islamismo, deus.

Abaixo está tabela com as palavras que foram coletadas em relação à África e africanos na escola municipal José Caetano dos Santos, localizada em zona rural, e dentro de um território quilombola, em São Raimundo Nonato, Piauí:

GRUPO	OCORRÊNCIA
Natureza/Geografia	97
Cultura/Educação	136
Escravidão	59
Negros/Questão racial	70
Religião	3
Guerra/Fome/Miséria/Doenças	62
História/Colonização	12

Tabela 2. Fonte: atividade realizada com alunos do ensino fundamental II da escola pública municipal de zona rural de São Raimundo Nonato, Piauí, em julho de 2016.

Contabilizamos ao todo 468 palavras, as palavras mais recorrentes estão inseridas nos respectivos grupos: Cultura/Educação: cultura, arte, dança, capoeira. Natureza/Geografia: Animais, árvore, natureza. Negros/Questão racial: Negros, pretos.

Guerra/Fome/Miséria/Doenças: Fome, morte, guerra. Escravidão: Escravidão, quilombos. História/Colonização: História, portugueses. Religião: Candomblé, Rastafári. Das 468 palavras, nove estavam ilegíveis. Uma palavra recorrente que nos chamou a atenção foi “indígena” ou “índio”, ela foi citada 20 vezes. Porém, não podemos aprofundar esta recorrência de palavra devido ao tempo e ao foco da pesquisa.

Mesmo com algumas diferenças entre as palavras citadas pelas crianças da escola rural de ensino fundamental e de ensino médio de zona urbana, como por exemplo, nenhuma palavra pejorativa, referente à raça/racismo foi citada pelas crianças do ensino fundamental, ao contrário do grupo de jovens do ensino médio. Que também é algo para ser investigado posteriormente.

Sobre a apropriação que os alunos fazem das imagens que estão em seus livros didáticos, perguntamos aos 91 alunos da Unidade Escolar José Caetano dos Santos (6º ao 9º ano) o quanto eles acham interessantes as imagens dos respectivos livros, os resultados estão na tabela abaixo:

Alunos: 91	Muito	Pouco	Não sabem dizer
Imagens interessantes	59	30	2
Identificação com as Imagens	46	26	19
*Quanto ao autor reconhecimento racial:  46 alunos se identificam como negros. 1 como morena. 19 como indígenas. 25 como brancos			

Portanto, deixamos o registro da importância da constante vigilância tanto de professores e gestores escolares de acompanhar essa produção de imaginário escolar que está sendo construída nas salas de aula.

O relevante papel desempenhado pelos livros didáticos de História, como instrumento auxiliar na atividade docente e como uma das fontes de leitura para os alunos – apesar de sua condição passível de críticas e geradora de muitas reflexões – parece-nos inquestionável. Sendo assim, as abordagens acerca dos estudos africanos e afro-brasileiros, presentes ou ausentes nas

coleções de História utilizada para os últimos quatro anos do ensino fundamental, aparecem como ingredientes-chaves na composição, transformação e manutenção das referências e imagens que o público escolar constrói sobre o continente. (OLIVA, 2007, p. 259).

Uma análise constante do material didático é importante para começarmos a desconstruir estereótipos como os brevemente citados acima.

O material selecionado para análise, História nos dias de Hoje Autores Flávio de Campo, Regina Claro, Miriam Dolhnikoff, Publicado pela editora Leya, ano 2012. Selecionamos o livro do 8º ano do ensino fundamental, recortamos alguns textos e algumas imagens, num formato que se adequassem as exigências de normas para este trabalho, e que acompanham os conteúdos nos livros, analisando as temáticas, abordagens, conteúdos. Uma abordagem crítica dos textos, tentando tecer continuidades ou rupturas de leituras sobre a África, africanos e afro-brasileiros.

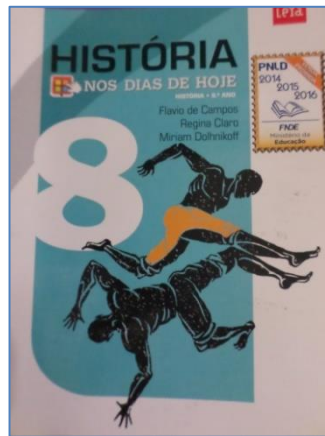


Imagem 46: História nos dias de Hoje 8º ano.

O livro está dividido em 14 Capítulos. Capítulo 1: Revoluções inglesas: Nascimento do parlamento inglês/ A sociedade inglesa e os cercamentos / A revolução puritana/ A revolução gloriosa. Capítulo 2: A ilustração e o despotismo esclarecido: A ilustração/ Luzes sobre a filosofia/ O pensamento ilustrado/ Luzes sobre a economia/ O liberalismo econômico/ Luzes e a política. O absolutismo ilustrado/ A modernização do Império Português/ As luzes e a escravidão. Capítulo 3: A independência dos Estados Unidos: / A América Inglesa/ Insatisfações Coloniais/ A proclamação da Independência. Capítulo 4: A Revolução Francesa e o período Napoleônico: A França antes da revolução/ O início da Revolução/ O nascimento da república/ O golpe do 18 Brumário/ O período Napoleônico. Capítulo 5: A Primeira Revolução Industrial: O mundo das máquinas/ O pioneirismo no setor têxtil/ A transformação da sociedade. Capítulo 6: A

idade do ouro no Brasil e as revoltas coloniais: Os bandeirantes e a Conquista do território/ As riquezas de Minas Gerais/ Mineração e a economia portuguesa/ Mercado interno colonial/ Transformações na sociedade colonial/ Inconfidência mineira/ A conspiração no Rio de Janeiro/ A conjuração baiana: a Revolta dos Alfaiates. Capítulo 7: As independências da América Latina: Agitações na América Espanhola/ Haiti/ México/ A difusão da contestação colonial. Capítulo 8: A Independência do Brasil: Transformações na América e na Europa/ A abertura dos Portos/ A emancipação política do Brasil/ A África e o Império do Brasil/ Capítulo 9 A construção do Estado e a economia brasileira/ A construção do Estado brasileiro/ Revoltas e Rebeliões/ Economia brasileira. Capítulo 10 Nações, Nacionalismos, e socialismo: França: terra das revoluções/ A segunda república francesa/ Pensando a Revolução/ A unificação da Itália/ A unificação Alemã. Capítulo 11 A construção dos Estados Unidos da América. Peles-vermelhas e caras-pálidas/ Início da guerra de Secessão/ Desenvolvimento econômico e expansão territorial. Capítulo 12: A Segunda Revolução Industrial e o Imperialismo/ A velocidade da Revolução/ O imperialismo/ África: O coração dos Impérios. Capítulo 13: O segundo Reinado no Brasil (1840-1889) / A estabilidade política/ O fim do trabalho escravo no Brasil/ A expansão cafeeira e a modernização. Capítulo 14: A crise do Regime Monárquico: Tensões na Região da Prata/ A crise do Regime monárquico.

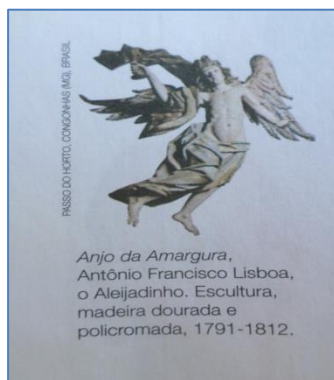
Os autores dão continuidade ao tema escravidão, agora em outro período da História do Brasil colonial, a era do ouro. “A sociedade mineradora apresentava uma complexidade maior em termos de diferenciação social” (Campos et al, 2012.p.107) e nos apresenta a “sociedade escravista”,

Às vezes a ação dos grandes senhores assumia uma feição paternalista. Em geral, procuravam deixar para os feitores e jagunços as tarefas mais violentas. Castigos, ordens de trabalhos mais pesados, repreensões não eram ações do seu dia a dia. O senhor aparecia como aquele que concedia prêmios, folgas, alforrias. Aquele que batizava os filhos dos seus empregados mais próximos e que se tornava compadre dos vizinhos mais pobres. As mulheres dos senhores, por sua vez, também recorriam à violência no controle doméstico. Olhos e dentes arrancados, queimaduras, chicotes, e trabalho árduo eram formas de descarregar a fúria das esposas que se sentiam mais poderosas, porém menos desejadas que as cativas. (CAMPOS et al, 2012.p.108)

O cuidado que temos dar a este trecho do livro, é não simplificar as relações entre senhores e escravos. Inserindo as negociações, trocas e outras maneiras de “suavizar” a condição em que se encontravam como nos mostra Souza,

Fugiam para uma fazenda vizinha, na qual pediam que o seu proprietário intervisse junto ao seu senhor com relação à causa que os havia feito fugir, geralmente excesso de trabalho e castigos. [...] Esses e outros tipos de negociação iam pouco a pouco tornando parte do sistema escravista, que ao longo dos séculos assumiu formas diferentes, mudando junto com a sociedade brasileira. (2008, p.100).

São citados também os “mestiços” e sua arte como Antônio Francisco Lisboa (1730-1814), conhecido como Aleijadinho e Manuel da Costa Ataíde (1762-1830), porém, não mencionam suas negritudes e suas descendências escravas. Também não há imagens desses artistas no manual, apenas suas obras:



Sobre a independência do Brasil, tópicos pontuais são mencionados acerca da atuação de africanos e afro-brasileiros neste período:

A independência do Brasil provocou fortes reações em determinadas regiões africanas. Os primeiros reconhecimentos diplomáticos foram realizados em 1823 pelos reis do Benin ( atual Nigéria) e de Onim ( atual Lagos). Mercadores e traficantes de escravos de Luanda e Benguela eram favoráveis a incorporação de Angola ao Brasil. Muitos desses comerciantes eram brasileiros e desejavam manter a continuidade das vendas de escravos. Diante disso, a coroa portuguesa intensificou o controle sobre suas possessões africanas. Sem apoio diplomático ou militar e, divididos entre si, não conseguiram reunir forças para resistir ao governo metropolitano. O governo britânico também temia a influência do Brasil no continente africano e a formação de um império sul-atlântico sob o domínio brasileiro. Desde 1823, a Grã-Bretanha exercia forte pressão contra anexação de qualquer das possessões africanas de Portugal ao Brasil. (CAMPOS, et al. 2012, p. 160).

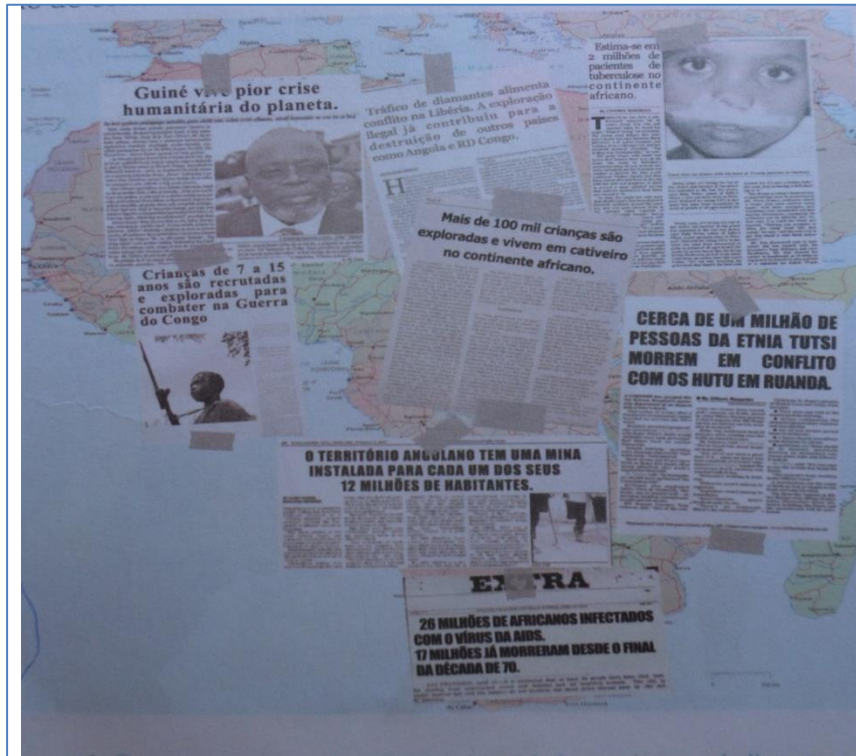


Sobre as revoltas e rebeliões, os autores falam sobre a importante Revolta dos Malês, onde é dedicado duas paginas sobre o evento e seus importantes lideres como Luísa Mahim, Manuel Calafati e algumas imagens representando escravos e libertos mulçumanos:



No capítulo 12, que aborda a segunda revolução industrial e o imperialismo, um tópico é destinado à partilha da África. Que inicia o texto da seguinte forma ao lado de uma imagem representando o mapa africano

No século XXI a África se encontra marcada pela miséria, por guerras e epidemias. Com raras exceções, a situação do continente africano é trágica. Prolongadas guerras civis levaram países como Angola Moçambique a figurar entre os mais miseráveis do mundo. Os conflitos entre Libéria, Guiné, Serra Leoa, pelo controle do tráfico de diamantes dizimaram milhares de pessoas. A fome faz milhões de mortos e levam os pais a venderem seus próprios filhos. No passado a África foi explorada, recortada, colonizada. Hoje é lembrada nos noticiários da TV por suas tristezas. O coração da riqueza dos europeus no século XIX transformou-se no coração da miséria dos dias de hoje. O espetáculo de horrores que começou no a ser encenado a partir do século XV, teve seu apogeu no século XIX. (CAMPOS, et al. 2012, p. 247)



Percebemos neste texto do livro didático uma passividade e uma depreciação do continente africano atual, o importante é mostrar os processos de exploração pelo qual o continente africano passou. Interessante perceber que este mesmo recorte textual foi citado em outro manual didático escolar, de autoria do mesmo autor, no ano de 2002, citado por Oliva 2007, p. 295.

Ao longo do conteúdo, os autores dedicam um texto sobre as resistências africanas ao processo de imperialismo colonial, e utilizam imagens de guerreiros:



“A força militar e a violência dos dominadores, muitas vezes não foram suficientes para submeter os povos africanos, que não estavam dispostos a cederem suas terras sem lutar”. (Campos et al. 2012, p.255).

O historiador africano M' Bokolo nos auxilia a pensar este processo complexo em que o continente africano passou. Importante saber que a atual situação de alguns países do continente, não se resume simplesmente a associações diretas com o tráfico de escravos e ao neocolonialismo,

Desde suas primeiras manifestações até aos nossos dias, o imperialismo suscitou sempre debates tanto intelectuais como políticos, muitas vezes extremamente vivos. É toda via claro que ele só interessa à África devido à forma concreta como se expandiu no continente negro (guerras de conquista, partilhas territoriais, investimentos, práticas econômicas, políticas e culturais e etc.) e à propaganda que seus partidários utilizaram para legitimar sua ação e que veio a fabricar imagens duradouras da África e dos Africanos. (M'BOKOLO, 2011, p.348)

E conclui,

Estes fenômenos tão variados incitam-nos a ir muito mais além do que as posições esquemáticas muitas vezes utilizadas para evocar a colonização europeia. Não havia tradição de um lado e a modernidade de outro, nem resistência e a cooperação. Sob choque da conquista estrangeira e da opressão colonial, choque imprevisto, incompreensível, que ficou muito tempo por explicar os africanos procuravam e conseguiram encontrar, individualmente ou em grupos, os recursos necessários para não perder todos os registros. A adoção precoce, logo desde os inícios da colonização, dos métodos mais modernos de intervenção política (imprensa, associações e partidos) e das linguagens mais complexas, como, por exemplo, a das religiões negras independentes e dos messianismos políticos religiosos, confirmava essa vontade, não só de sobreviver à catástrofe, forçosamente passageira, mas de sair dela transformado, melhor ou mais forte. (IDEM, 2011, p.421)

Ao concluir o livro do 8º ano, os autores abordam o processo histórico que deu fim ao trabalho escravo no Brasil, como as leis Eusébio de Queiroz, 1850, Lei do Ventre Livre, 1871, Lei dos sexagenários, 1885, e por fim a Lei Área. Movimentos e os líderes abolicionistas como, Luís Gama, José do Patrocínio, André Rebouças, Antônio Bento, Francisco do Nascimento. Também faz referencia a importantes figuras negras contemporâneas como Abdias Nascimento, Milton Santos, Ismael Ivo, Heitor dos Prazeres.

Por fim, elencamos algumas considerações após a análise deste material e constatamos que muitas das palavras-chaves escritas pelos alunos, estavam representadas em imagens nos materiais didáticos, demonstrando a influencia que os livros na formação do imaginário estudantil sobre a temática.

Percebemos também há progresso nesses materiais, sobre a História do continente africano e uma relevante atenção sobre os temas que envolvem a África,

africanos e afro-brasileiros, apesar de em alguns momentos, os autores reproduzem alguns termos que os estudiosos sobre este tema, têm criticado sua utilização, como misérias, fome, mazelas. Conhecer o passado dos povos africanos em África e no Brasil, sua organização, tradições, variedades, nos ensina sobre a diversidade, respeito, convivência com a diferença, sem coloca-las em hierarquias culturais, sócio-políticas. Acreditamos o embate cotidiano à preconceitos, é um dos legados mais importantes do ensino da História, é cotidianamente, desnaturalizar assuntos que por muito tempo eram dados como naturais. Destacamos principalmente a relevância das professoras e professores em orientar as alunos e os alunos a fazerem suas críticas a determinadas imagens e textos dos materiais didáticos, no tocante as temáticas que, geralmente, tendem a reproduzir preconceitos geográficos de lugar, históricos e raciais, que muitas vezes servem como única referência para a construção do saber e conhecer a África e sua diversidade de povos, culturas e processos históricos.

### **Referencias Bibliográficas**

ABREU, Marta; MATTOS, Hebe. **Em torno das “Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e cultura Afro-Brasileira e Africana”:** uma conversa com historiadores. In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 1, nº 41, janeiro-junho de 2008, p. 5-20.

ARROYO, Miguel Gozalez. **A Pedagogia Multirracial Popular e o Sistema Escolar.** In: GOMES, Nilma Lino (Org.). Um Olhar Além das Fronteiras: Educação e Relação Raciais. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

BITTENCOURT, Circe. **Livros didáticos entre textos e imagens.** In: BITTENCOURT, Circe (Org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2013.

\_\_\_\_\_. **O Livro didático não é mais aquele que ensina.** In: Nossa História. Ano 1, nº 2, dezembro de 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília: MEC, 2005.

CAMPOS, Flávio de. CLARO, Regina. DOLHNIKOFF, Mirian. **História nos Dias de Hoje, 6º ano**. 1º ed. São Paulo: Leya Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. **História nos Dias de Hoje, 7º ano**. 1º ed. São Paulo: Leya Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. **História nos Dias de Hoje, 8º ano**. 1º ed. São Paulo: Leya Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. **História nos Dias de Hoje, 9º ano**. 1º ed. São Paulo: Leya Brasil, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3º Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

FNDE. Fundo Nacional de desenvolvimento da Educação. Programa do Livro Didático. Disponível em: (<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-dados-estatisticos>) Acesso em 05 de junho de 2016.

GADAMER, Hans Georg. **Verdade e Método I**. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco: 2014.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade Étnico-Racial e Educação no contexto brasileiro: Algumas reflexões**. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). Um Olhar Além das Fronteiras: Educação e Relação Raciais. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?**. In: SILVA, Thomas Tadeu da. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos socioculturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

Ki-Zerbo, Joseph. **Metodologia e Pré-história da África**. In: Silvério, Valter Roberto: Síntese da Coleção da HGA: Pré História ao Séc. XVI. Brasília: Unesco, Mec, Ufscar, 2013.

LAVISSE, Ernest. **Histoire de France: cours élémentaire**. Paris. A. Coli, 1887. In: BITTENCOURT, Circe. O saber Histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2013.

LIMA, Mônica. **Como os Tantãs na Floresta: Reflexões sobre o Ensino de História da África e dos Africanos no Brasil**. In: BRANDÃO, Ana Paula (Coord.) Saberes e Fazeres, v1: Modos de Ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

M' BOKOLO, Elikia. **A África negra: História e Civilizações. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias atuais)**. Salvador: EDUFBA, 2011.

MATOS, Simone de Oliveira. MORAES, Maria Dione Carvalho de. **Territorialidade Quilombola em Lagoas (PI): “memória dos tempos de cativo” e questões de titulação**. In: LIMA, Solimar Oliveira. FIABANI, Aldemir (Org.). Sertão Quilombola: Comunidade negra no Piauí. Teresina: EDUFPI, 2015.

MOORE, Carlos. **Novas bases para o ensino de História da África no Brasil**. 2005. Disponível em:

(<http://www.forumafrika.com.br/NOVAS%20BASES%20PARA%20O%20ENSINO%20DEFINITIVO%20para%20MEC>) Acesso em 10 de abril, 2015.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Lições sobre a África: Diálogos entre as representações do africano no imaginário ocidental e o ensino da História da África no mundo Atlântico (1990-2005)**. 2007. 404 p. Tese de Doutorado em História. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

PEREIRA, Amauri Mendes. **África: para abandonar estereótipos e distorções**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

PEREIRA, Júnia Sales. **Da Ruína à Aura: Convocações da África no Ensino de História**. In: Ensino de História: usos do passado, memória e mídia. Org. Marcelo Magalhães [et al.] Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

PETIT, Sandra H. RODRIGUES; Eleomar dos S. **Filosofar (-se) Junto com o Baobá: Um encontro festivo com Sobonfu Somé, Mia Couto e Eduardo Oliveira**. In: PETIT, Sandra H; SILVA, Geranilde Costa e (Orgs.). Memórias de Baobá. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

PIERUCCI, Antônio F. **Ciladas da diferença**. 3ª Ed. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP; Editora 34, 2013.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a História do Levante dos Malês em 1835**. São Paulo: companhia da Letras, 2003.

\_\_\_\_\_, José Carlos. **História da “consciência histórica” ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SANTOS, Sales Augusto dos. **A Lei 10.639/2003 como fruto da luta antirracista do Movimento Negro**. In: BRASIL. MEC. SECAD. *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/2003*. Brasília: Secad, 2005.

SILVA, Thomas Tadeu da. **Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias do Currículo**. Autêntica: 2010.

SILVÉRIO, Valter Roberto: **Síntese da Coleção da HGA: Pré História ao Séc. XVI**. Brasília: Unesco, Mec, Ufscar, 2013.